

Instituições de referência:

ASAS – Associação de Solidariedade e Acção Social de Santo Tirso



O que é, concretamente, a ASAS?

A ASAS é uma instituição de solidariedade social cuja grande missão se iniciou junto das crianças e jovens em perigo e que se foi alargando... À medida que as necessidades se impunham, a ASAS foi constituindo respostas, muito graças a um fator que creio que nos distingue, o poder reflexivo. Estamos invariavelmente atentas à comunicação, às notícias e ao mundo que nos rodeia, procurando antecipar respostas face à percepção da evolução da sociedade. Neste momento, temos já respostas, diria, dos 0 aos 100, desde as destinadas a crianças e jovens, passando pelo Gabinete de Ação Social, pelo acolhimento, apartamentos de autonomia, os centros de acompanhamento parental, o Centro Comunitário da Trofa, dotado de centros de atividades para crianças, jovens e adultos, e dois grandes projetos, um PORI no âmbito das dependências já em funcionamento e outro que iniciaremos...

Antes de passarmos aos projetos... de que vive a ASAS?

Todas as valências da ASAS têm acordos de cooperação com a Segurança Social, com uma norma financeira que assegura um determinado suporte. Claro que não assegura um equilíbrio financeiro a 100% do que a valência necessita e estamos sempre deficitários entre 25 a 30%, que tentamos colmatar com diversas atividades que vamos desenvolvendo ao longo do ano, com as quotas dos associados e com alguns mecenas a quem a nossa causa diz muito. Tentamos abrir a instituição de tal maneira transparente que muita gente nos visita, acredita e se revê no trabalho que realizamos.

Qual é o âmbito territorial de intervenção da instituição?

O nosso território é essencialmente constituído pelos concelhos de Santo Tirso e Trofa mas também pelos limítrofes, bem como os de todos aqueles utentes que a Segurança Social entenda encaminhar-nos e que caibam na nossa resposta social.

Quais são os projetos atualmente desenvolvidos pela ASAS?

No âmbito das dependências, temos o PORI no eixo da reinserção e um projeto piloto que iremos iniciar, o Go Offline, que versará essencialmente a dependência de internet. Temos o projeto no âmbito da Iniciativa Fa-

ces, Grupos para a Autonomia, financiado pela Fundação Montepio, que pretende testar formas de trabalhar a autonomia dos jovens. Temos crianças institucionalizadas, que o são cada vez com uma idade mais avançada e com perfis com consumos ou absentismo escolar e precisamos de trabalhar os seus projetos de vida para a autonomia. Quando acolhíamos os mais pequenos, os projetos de vida passavam essencialmente pelo regresso à família biológica, pela família alargada ou adoção e, quando começamos a acolher jovens cada vez mais velhos, o seu futuro passa a estar muito nas nossas mãos. Então, a ASAS tem apostado em vários projetos na área da autonomia dos jovens e também com vista à sua reinserção social e o Grupos para a Autonomia, projeto de dois anos financiado pela Fundação Montepio, oferece uma verba que será concedida diretamente aos jovens – este é o grande fator de diferenciação – e ensina-os a gerir essa verba, de forma a que testemos na vida real a tomada de decisão, a gestão orçamental, a gestão do tempo, a gestão de recursos... É um projeto que iniciámos em novembro e que acompanhará 23 jovens, 10 dos quais moram connosco em acolhimento residencial, três que moram em apartamentos de autonomia e 10 que estão em casa a receber medida de autonomia de vida da Segurança Social mas que se encontram muitas vezes perdidos neste processo de transição para a vida adulta. Temos um projeto não financiado no Gabinete de Ação Social, uma horta comunitária e, juntamente com a Câmara Municipal de Santo Tirso, outras quatro ONG e a Segurança Social, temos um projeto de distribuição alimentar em que estão, sob a nossa responsabilidade, 85 famílias desfavorecidas.

No seio de tantos projetos, que importâncias assumem eixos como a formação ou a avaliação?

Sempre que existem oportunidades e a possibilidade, recorremos a todas as ofertas de formação que nos enriqueçam do ponto de vista técnico. Nesse aspeto, somos muito ativos a concorrer. Temos um bom corpo técnico, composto por assistentes sociais, psicólogos, educadores sociais, temos uma direção geral de gestão, temos sociologia... Temos, de facto, uma equipa multifacetada que nos assegura a concretização de um projeto multidisciplinar com muita qualidade. Quanto à avaliação, a continuidade do projeto, que vai já na sua terceira geração, é uma prova de confiança e de que temos vindo a atingir os objetivos definidos. Fazemos periodicamente uma avaliação interna, temos uma ferramenta própria designada bateria de indicadores e a consultora Deloitte irá fazer-nos, depois destes 25 anos de trabalho, uma avaliação externa muito séria.

Testemunhos

“Sinto-me bem aqui. Desde que vim para aqui, a minha vida mudou... Tenho muito trabalho e ocupação, sinto-me feliz e acho que isto é o mais apropriado para mim.

Desde que a minha mãe faleceu, comecei a ter problemas familiares e pessoais e vim para aqui para tentar esquecer tudo, em vez de andar no álcool. Consumia mas agora já não consumo”.

“Eu também consumia álcool mas cheguei a um ponto em que me sentia fraco e tive que dizer chega. Vim para aqui para deixar de dar problemas aos meus familiares, para evitar certas companhias... Aqui, ocupo o meu tempo em várias atividades, seja na pintura, seja na piscina... e já não consumo”.



Relativamente ao projeto Go Offline, temos aqui duas realidades: se, por um lado, é sabido que uma má utilização das novas tecnologias pode gerar dependência, por outro, uma boa utilização pode até ser terapêutica em muitos casos, como a estimulação cognitiva...

Pois... o problema é o mesmo: os limites. A tentativa de atuar junto dos jovens com um projeto como este visa precisamente que conheçam e reconheçam os limites. Infelizmente, vamos assistindo a uma certa degradação da sociedade devida a uma involução no que concerne à falta de limites, que partem dos próprios pais e da educação. Esta falta de limites, seja a que nível for, traz consequências que, em determinados casos, saltam à vista, designadamente neste. Agora, que esta é uma das melhores ferramentas que existem, seja para a saúde mental, seja para o desenvolvimento intelectual ou científico, desde que bem utilizada, disso não tenhamos dúvidas. E nunca será para retirar e, tal como discutimos quando decidimos desenhar este projeto, faria todo o sentido iniciarmos com os jovens e os pais em simultâneo, eles próprios também no limbo da dependências... Por que se trata de um projeto piloto, teremos que começar por algum lado e esperemos que sejam também os jovens a educar os seus pais...

Face a tantas carências diagnosticadas e à necessidade de intervir de forma sistémica, dá a ideia de que a ASAS estará, em parte, a substituir a família...

Não... a ASAS não pretende substituir a família mas é verdade que faz de família de muita gente. É evidente que somos a família dos jovens que estão à nossa guarda, a sua estrutura mental e social, enquanto também a sua família está a ser trabalhada no mesmo sentido para que possam depois voltar. Mas muitos destes nossos utentes não têm família e, não nos querendo substituir à mesma, a verdade é que é assim que nos sentem, como família. O que pretendemos é obviamente a sua reintegração na sociedade, o que já conseguimos com alguns, que fazem depois questão de nos visitar e de participar em atividades nossas. Muitos dos nossos ex-utentes já estão empregados, alguns empreenderam os seus próprios negócios, outros estão em formação... ao invés, outros vão entrando no nosso programa... é um ciclo composto por pessoas a quem pretendemos mostrar que são iguais às demais.

O que faltará fazer nesta “casa de afetos”?

Falta fazer com que os que ainda cá estão consigam dar ainda mais asas à vida, que consigam dar o salto final, seja para voltar à família, seja para conseguirem a sua casinha, seja para conseguirem emprego... e os que ingressarem no programa, que consigam o que outros já conseguiram. Creio que tem sido um sucesso mas reconheço que temos de fazer coisas novas. Neste momento, temos dois monitores com uma força fantástica, nomeadamente nas áreas das artes plásticas e da música, que têm feito sobressair neles o que há de melhor, tornando realidade o que muitos julgavam não ser capazes de realizar. A ASAS ainda tem muito por fazer...

(ASAS) Centro Comunitário da Trofa

Desenvolvimento de Solidariedades Locais

O CCT é uma estrutura localizada na cidade da Trofa, num edifício construído de raiz e tem como princípio essencial a organização de respostas que vão de encontro às necessidades sociais da comunidade.

Ao longo dos seus 11 anos de existência já apoiou mais de 1500 utilizadores nas atividades diárias de ocupação dos tempos livres, em ações de formação, nos apoios ao nível da ação social e de psicologia. Promove ainda atividades de dinamização local, de carácter intergeracional e de revitalização das tradições.

O CCT dinamiza ainda o Grupo de Auto-Ajuda e Promoção da Saúde (GAPS), que constitui a única resposta ao nível do concelho da Trofa em termos de grupos de autoajuda para alcoólicos em recuperação.

Desenvolve projetos na área das toxicodependências, sendo a única Instituição que implementa o Plano Municipal de Prevenção Primária das Toxicodependências da Trofa desde a sua existência, tendo abrangido cerca de 1000 crianças e jovens desde a sua implementação. Atualmente, encontra-se ainda a dinamizar o projeto “(Re)Inserir na Trofa”, promovido pelo IDT, que procura abranger cerca de 80 indivíduos que, após processo de desintoxicação se encontram em fase de reinserção e apoiar pelo menos 24 famílias. O CCT garante 16% da ação social do concelho da Trofa.